

Mais de 12 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY  
O SEGREDO  
DE HELENA



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para o Alexander "de verdade"*

*Segue uma sombra, ela ainda te escapará;  
Finge escapar, ela te perseguirá.*

BEN JONSON

*Alex*

*Pandora, Chipre*  
*19 de julho de 2016*



Comecei a ver a casa à medida que fui contornando com o carro os perigosos buracos – ainda não tapados, mesmo depois de dez anos, e cada vez mais fundos. Sacolejei mais um pouco, depois parei e contemplei Pandora, achando que não era assim tão bonita, ao contrário das requintadas fotos de imóveis de classe alta que vemos em sites que alugam para temporada. Em vez disso, ao menos vista pelos fundos, era uma casa sólida, sensata e quase austera, como sempre imaginei que teria sido seu habitante anterior. Construída com pedras locais de tom claro e quadrada como as casas de Lego que eu montava quando menino, Pandora se erguia da terra árida e pedregosa que a cercava e que, até onde a vista alcançava, estava coberta de tenras vinhas que começavam a brotar. Tentei conciliar a realidade com a imagem que eu levava na mente havia dez verões e concluí que a memória me prestara bons serviços.

Depois de estacionar o carro, contornei as paredes maciças até a frente da casa e o terraço, que é o que coloca Pandora acima do lugar-comum e a inclui numa espetacular categoria própria. Atravessando o terraço, fui até a balaustrada erguida em sua borda, no ponto exato que antecede o início do declive suave do terreno: uma paisagem repleta de vinhedos, uma ou outra casa pintada de branco e extensos olivais. Ao longe, uma linha de um azul-turquesa cintilante separava a terra e o céu.

Notei que o sol dava uma verdadeira aula magna ao se pôr, penetrando com seus raios amarelos no azul e o transformando em ocre. É interessante, pois sempre achei que a combinação de amarelo e azul resultava em verde. Olhei à direita, para o jardim abaixo do terraço. Os bonitos canteiros, tão cuidadosamente plantados por minha mãe dez anos antes, não tinham sido bem tratados e, sedentos de atenção e água, foram dominados pela terra árida e suplantados por um mato feio e espinhoso.

Mas ali, no centro do jardim, tendo ainda presa a ela uma ponta da rede em que mamãe costumava se deitar – as cordas parecendo espaguete velho e esfiapado –, erguia-se a velha oliveira. “Velha” foi o apelido que lhe dei na época, por ter sido informado pelos adultos que me cercavam de que ela o *era*. De fato, enquanto tudo ao redor morrera e fermentara, ela parecia haver crescido em estatura e majestade, talvez roubando a força vital de seus vizinhos botânicos depauperados, decidida, ao longo de séculos, a sobreviver.

Era muito bonita: uma vitória metafórica sobre a adversidade, com cada milímetro do tronco nodoso a exhibir orgulhosamente a sua luta.

Eu me perguntei por que os seres humanos odeiam o mapa de sua vida que transparece no próprio corpo, enquanto uma árvore como essa, ou uma pintura desbotada, ou uma construção desabitada, quase em ruínas, são enaltecidas por sua antiguidade.

Pensando nisso, me volvei para a casa e fiquei aliviado ao ver que, pelo menos por fora, Pandora parecia ter sobrevivido a seu abandono recente. Na entrada principal, tirei do bolso a chave de ferro e abri a porta. Ao percorrer os cômodos na penumbra, protegidos da luz pelas venezianas cerradas, percebi que minhas emoções estavam entorpecidas, e talvez fosse melhor assim. Não me atrevi a começar a sentir coisas, porque esse lugar, talvez mais do que qualquer outro, guarda a essência *dela*...

Meia hora depois, eu já tinha aberto as janelas do térreo e tirado os lençóis de cima dos móveis do salão. Parado numa bruma de partículas de poeira que captavam a luz do sol poente, lembrei-me de ter pensado, na primeira vez em que vi a casa, que tudo parecia muito velho. E me perguntei, ao olhar para as poltronas afundadas e o sofá puído, se, tal como a oliveira, o velho e ultrapassado em certo ponto se torna simplesmente velho, sem continuar a envelhecer de modo visível, como os avós grisalhos para uma criança pequena.

A única coisa na sala que tinha mudado de forma a ficar irreconhecível era eu, é claro. Nós, humanos, completamos a maior parte da nossa evolução física e mental em nossos primeiros anos no planeta Terra – de bebês a adultos plenos num piscar de olhos. Depois disso, ao menos por fora, passamos o resto da vida mais ou menos com a mesma aparência, apenas nos transformando em versões mais flácidas e menos atraentes do nosso eu jovem, à medida que os genes e a gravidade fazem o que sabem fazer de pior.

Quanto à dimensão afetiva e intelectual das coisas... bem, devo acreditar que há algumas vantagens que compensam o lento declínio do nosso envoltório externo. Estar de volta a Pandora me mostrou com clareza que elas existem. Tornando a entrar no corredor, ri do Alex que eu era. E me encolhi diante do meu eu anterior – aos 13 anos, um completo egocêntrico e perfeito pé no saco.

Abri a porta do “Armário das Vassouras” – apelido carinhoso que dei ao quarto que ocupei durante aquele longo e quente verão dez anos atrás. Ao procurar o interruptor, percebi que eu não subestimara as dimensões do cômodo e que, para dizer o mínimo, o espaço parecia haver encolhido ainda mais. Entrei nele com todo o meu 1,85 metro e me perguntei se, caso eu fechasse a porta, meus pés precisariam ficar pendurados para fora da janelinha, bem ao estilo Alice no País das Maravilhas.

Levantei os olhos para as estantes que preenchiam os dois lados do quarto claustrofóbico e vi que os livros que eu arrumara trabalhosamente em ordem alfabética ainda estavam ali. Num gesto instintivo, peguei um deles – *Rewards and Fairies*, de Rudyard Kipling – e o folheei até encontrar o famoso poema. Ao ler os versos de “Se”, os sábios conselhos de um pai para um filho, senti meus olhos se encherem de lágrimas pelo adolescente que eu fora, tão desesperado para encontrar um pai. E que, depois de encontrá-lo, reconhecera que já o tinha.

Quando devolvia Rudyard a seu lugar na prateleira, avistei um livrinho de capa dura a seu lado e me dei conta de que era o diário que minha mãe me dera no Natal, alguns meses antes de eu vir a Pandora pela primeira vez. Todos os dias, durante sete meses, eu escrevera nele com assiduidade e, sabendo como eu era na época, pomposamente. Como todo adolescente, eu acreditava que minhas ideias e sentimentos eram únicos e inovadores, pensamentos que nenhum ser humano jamais tivera antes de mim.

Balancei a cabeça, triste, e suspirei como um ancião diante da minha ingenuidade. Eu havia deixado esse diário para trás ao voltar para casa, na Inglaterra, depois daquele longo verão em Pandora. E ali estava ele, passados dez anos, mais uma vez nas minhas mãos, hoje muito maiores. Uma lembrança dos meus últimos meses de infância, antes que a vida me arrasasse para a idade adulta.

Levando o diário comigo, saí do quarto e subi para o segundo andar. Ao caminhar pela penumbra do corredor abafado, sem saber exatamente



em qual cômodo queria me instalar durante minha temporada aqui, respirei fundo e fui ao quarto *dela*. Com toda a coragem possível, abri a porta. Talvez fosse minha imaginação – após uma década de ausência, achei que devia ser –, mas me convenci de que meus sentidos tinham sido tomados de assalto pelo aroma daquele perfume que um dia ela usara...

Fechei a porta com firmeza, ainda incapaz de lidar com a Caixa de Pandora das lembranças que voariam de qualquer um daqueles cômodos, e bati em retirada para o térreo. Vi que a noite caíra e estava escuro como breu do lado de fora. Consultei o relógio, acrescentei duas horas por conta da diferença de fuso horário e constatei que eram quase nove da noite – meu estômago vazio roncava, pedindo comida.

Descarreguei meus pertences que estavam no carro e guardei na despensa os mantimentos que havia comprado na loja do vilarejo, depois levei pão, queijo feta e uma cerveja morna para a varanda. Ali, sentado em meio ao silêncio cuja pureza só era rompida por uma ou outra cigarra sonolenta, tomei a cerveja e me perguntei se tinha sido mesmo uma boa ideia chegar dois dias antes dos outros. Pensar no meu próprio umbigo é algo que domino, a ponto de, recentemente, alguém ter me oferecido um emprego para exercer essa atividade em caráter profissional. Essa ideia, pelo menos, me fez rir.

Para tirar da cabeça a situação, abri o diário e li a dedicatória na primeira página:

*Querido Alex, feliz Natal! Procure manter este diário em dia, escrevendo com regularidade. Talvez seja interessante lê-lo quando você for mais velho.*

*Com todo o meu amor, um beijo, M.*

– Bem, mamãe, vamos torcer para você estar certa.

Dei um sorriso desanimado e fui pulando as páginas de prosa cheia de empáfia, até chegar ao começo de julho. E, à luz da lâmpada fraca e solitária pendurada acima de mim na pérgula, comecei a ler.

*Julho de 2006*

*Chegadas*



## DIÁRIO DE ALEX

10 de julho de 2006

Meu rosto é perfeitamente redondo. Tenho certeza de que se poderia desenhá-lo com um compasso. Eu detesto o meu rosto.

No interior do círculo estão as maçãs do rosto. Quando eu era menor, os adultos costumavam puxar minhas bochechas, pegar minha carne entre os dedos e apertar. Esqueciam que não eram maçãs de verdade. As maçãs são inanimadas. São duras, não sentem dor. Quando se machucam, é só na superfície.

Tenho olhos bonitos, é bom que se diga. Eles mudam de cor. Minha mãe diz que, quando estou vivo por dentro, cheio de energia, eles são verdes. Quando fico estressado, passam a ter a cor do mar do Norte. Pessoalmente, acho que passam um bom tempo cinzentos, mas são bem grandes e têm formato de carço de pêssago, e minhas sobrancelhas, mais escuras que meu cabelo – que é muito louro e escorrido –, formam uma bela moldura para eles.

No momento, estou me olhando no espelho. Brotam lágrimas em meus olhos, porque, quando não estou olhando para o meu rosto, na minha imaginação, posso ser quem eu quiser. Aqui, neste minúsculo banheiro de avião, a luz é cruel e brilha feito uma auréola acima da minha cabeça. Os espelhos de avião são a pior coisa do mundo: fazem a gente parecer um morto de 2 mil anos, recém-exumado.

Sob a camiseta, posso ver a banha que cai por cima do meu short. Seguro um punhado dela e moldo uma imitação sofrível do deserto de Gobi. Crio dunas com buraquinhos entre elas, dos quais poderia brotar uma ou outra palmeira em torno do oásis.

Depois disso, lavo minuciosamente as mãos.

Na verdade, gosto das minhas mãos, porque parecem não ter se jun-

tado à Marcha para a Gordolândia, que é onde o meu corpo resolveu morar no momento. Minha mãe diz que são dobrinhas, que o botão hormonal chamado “cresça para os lados” funcionou logo na primeira vez em que foi acionado. Infelizmente, o botão “cresça para cima” deu defeito. E não parece ter sido consertado até hoje.

Quem quer ter dobrinhas, além dos bebês?

Talvez eu precise de um pouco de exercício.

A boa notícia é esta: andar de avião dá uma sensação de ausência de peso, *mesmo que você seja gordo*. E há um monte de gente mais gorda que eu neste avião, porque eu vi. Se eu sou o deserto de Gobi, meu vizinho de assento é o Saara. Os braços dele monopolizam os dois braços da poltrona, e a pele, os músculos e a gordura dele invadem o meu espaço pessoal feito um vírus mutante. Isso realmente me irrita. Guardo minha carne comigo, no território que me foi designado, mesmo que, nesse processo, acabe com uma tremenda contratura muscular.

Por algum motivo, sempre que estou num avião, penso em morrer. A bem da verdade, penso em morrer onde quer que eu esteja. Talvez estar morto seja meio parecido com a falta de peso que a gente sente dentro deste tubo de metal. Na última vez em que andamos de avião, minha irmãzinha perguntou se estava morta, porque alguém tinha lhe dito que o vovô estava numa nuvem. Ela achou que poderia vê-lo quando passamos por uma.

Por que os adultos contam essas histórias ridículas às crianças? Isso só cria problemas. De minha parte, nunca acreditei em nenhuma delas.

Minha mãe desistiu de tentar usá-las comigo há anos.

Ela me ama, a mamãe, apesar de eu ter me transformado no Sr. Geleca nos últimos meses. Ela jura que, um dia, terei que me abaixar para ver meu rosto em espelhos como este, respingados de água. Venho de uma família de homens altos, ao que parece. Não que isso me console. Já li sobre genes que pulam gerações e, conhecendo a minha sorte, serei o primeiro anão gordo em centenas de varões da família Beaumont.

Além disso, mamãe esquece que está ignorando o DNA do outro lado que ajudou a me gerar..

Esta é uma conversa que estou decidido a ter nestas férias. Não me

importa quantas vezes ela tente pular fora, com medo, e mude convenientemente de assunto. A história de que nasci de uma sementinha já não é satisfatória.

Preciso saber.

Todos dizem que eu me pareço com ela. Mas é o que diriam, não? Dificilmente poderiam me achar semelhante a um espermatozoide não identificado.

Na verdade, o fato de eu não saber quem é meu pai também poderia contribuir para qualquer delírio de grandeza que eu já tenha. O que é muito insalubre, especialmente para uma criança como eu, se é que ainda sou criança. Ou se já fui, coisa de que eu próprio duvido.

Neste exato momento, enquanto meu corpo dispara pela Europa Central, meu pai poderia ser qualquer pessoa que eu quisesse imaginar, qualquer um que me conviesse. Por exemplo, o avião poderia estar prestes a cair, e talvez o comandante tivesse apenas um paraquedas extra. Eu me apresentaria a ele como seu filho, e ele com certeza iria me salvar, não iria?

Pensando bem, talvez seja melhor eu não saber. Talvez as minhas células-tronco venham de algum lugar do Oriente e, nesse caso, eu deveria aprender mandarim para me comunicar com meu pai, e essa é uma língua megadifícil de dominar.

Às vezes eu gostaria que a mamãe se parecesse mais com outras mães. Quer dizer, ela não é a Kate Moss nem nada, porque é bem velha. Só que é constrangedor quando os meus colegas de turma, meus professores ou outros homens olham para ela *daquele* jeito. Todo mundo a adora, porque ela é gentil e divertida, e cozinha e dança ao mesmo tempo. E, às vezes, o meu pedacinho dela não parece grande o bastante, e eu queria não ter que dividi-la.

Porque ela é quem eu mais amo.

Mamãe não era casada quando me deu à luz. Cem anos atrás, eu teria nascido num abrigo para pobres e o provável é que nós dois morreríamos de tuberculose poucos meses depois. Seríamos enterrados numa vala e nossos esqueletos jazeriam juntos por toda a eternidade.

Costumo me perguntar se ela fica constrangida com o lembrete vivo da sua imoralidade, que sou eu. Será por isso que está me mandando estudar fora?

Pronuncio *imoralidade* diante do espelho. Gosto de palavras. Eu as coleciono como meus colegas de turma colecionam figurinhas de futebol ou garotas, dependendo do nível de maturidade em que estejam. Gosto de selecionar palavras, de encaixá-las nas frases, para expressar com a maior exatidão possível as ideias que tenho. Um dia, talvez eu queira brincar com elas profissionalmente. Vamos encarar os fatos: com meu físico atual, nunca serei jogador do Manchester United.

Alguém está socando a porta. Perdi a noção do tempo, como sempre. Olho para o relógio e constato que estou aqui há mais de vinte minutos. Agora vou ter que encarar uma fila de passageiros zangados, aflitos para fazer xixi.

Dou mais uma espiada no espelho – uma última olhadela no Sr. Geleca. Desvio os olhos, respiro fundo e saio como se eu fosse o Brad Pitt.



– Estamos perdidos. Tenho que parar.

– Meu Deus, mãe! Está um breu lá fora, e estamos pendurados na encosta de uma montanha! Não tem *nenhum* lugar para a gente parar.

– Não entre em pânico, querido. Vou encontrar um lugar seguro.

– Seguro? Se eu soubesse, tinha trazido meus grampos e minha picareta de alpinista.

– Tem um acostamento ali.

Helena conduziu aos trancos e barrancos o carro alugado, ao qual não estava habituada, fez uma curva fechada e parou. Olhou de relance para o filho, que tapava os olhos com os dedos, e pôs a mão no joelho dele.

– Pode olhar agora – avisou.

Em seguida espiou pela janela, vendo a descida íngreme para o vale, e avistou as luzes dos vaga-lumes no litoral, piscando lá embaixo.

– É lindo – suspirou.

– Não, mamãe, não é “lindo”. “Lindo” é quando não estamos perdidos no interior de um país estrangeiro, a poucos passos de despencar 600 metros para a morte certa, num vale lá embaixo. Eles nunca ouviram falar em barreiras de proteção por aqui?

Helena ignorou o garoto e bateu o teto do carro, procurando o interruptor da luz interna.

– Passe esse mapa para mim, querido.

Alex obedeceu e Helena examinou o papel.

– Está de cabeça para baixo, mamãe – observou o menino.

– Está bem, está bem. – Ela desvirou o mapa. – Immy ainda está dormindo?

Alex se virou e olhou para a irmã de 5 anos, estirada no banco de trás com Lamby, sua ovelhinha de pelúcia, aninhada em segurança debaixo do braço.

– Está. E é bom mesmo que esteja. Esta viagem poderia deixá-la traumatizada. Ela nunca andará na montanha-russa do Alton Towers se vir onde estamos agora.

– Certo. Sei onde eu errei. Precisamos voltar, descer o morro...

– Montanha – corrigiu Alex.

– ...virar à esquerda na placa para Kathikas e subir por essa estrada. Tome.

Helena entregou o mapa a Alex e engatou o que pensou ser a marcha a ré. O carro deu um solavanco para a frente.

– *MAMÃE!*

– Desculpe.

Com uma deselegante meia-volta em três manobras, Helena reconduziu o carro à estrada principal.

– Pensei que você soubesse onde ficava esse lugar – resmungou Alex.

– Querido, eu só era dois anos mais velha que você na última vez em que estive aqui. Para sua informação, isso foi há quase 24 anos. Mas tenho certeza de que vou reconhecer o lugar quando chegarmos ao vilarejo.

– Se chegarmos.

– Pare de ser tão estraga-prazeres! Você não tem nenhum espírito de aventura?

Helena sentiu alívio ao ver uma curva com uma placa que indicava Kathikas. Seguiu o caminho indicado e disse:

– Vai valer a pena quando chegarmos lá, você vai ver.

– Nem fica perto da praia. E eu detesto azeitona. *E os Chandlers.* O Rupert é um baba...

– Chega, Alex! Se você não consegue pensar em nada positivo para dizer, apenas cale a boca e me deixe dirigir.

Alex mergulhou num silêncio emburrado, enquanto Helena encorajava o Citroën a subir a ladeira íngreme, pensando em como fora uma pena o avião se atrasar, fazendo-os aterrissar em Pafos logo após o pôr do sol. Quando foram liberados pelo serviço de imigração e localizaram o carro alugado, já estava escuro. Ela andara saboreando a ideia de fazer aquela viagem às montanhas, de visitar sua vívida lembrança da infância e de revê-la pelos olhos dos filhos.

Mas era frequente a vida não ficar à altura das expectativas, pensou, especialmente quando se tratava de memórias tão antigas. E Helena tinha



consciência de que o verão que havia passado ali, aos 15 anos, na casa do padrinho, estava salpicado com o pó mágico da história.

Por mais ridículo que fosse, ela precisava que a casa se mostrasse tão perfeita quanto em suas lembranças. Em termos lógicos, sabia que isso não seria possível, que rever a casa talvez fosse como encontrar o primeiro amor depois de 24 anos: captado pelos olhos da memória, reluzindo com a força e a beleza da juventude, mas, na realidade, grisalho e se desintegrando lentamente. Ela sabia que *essa* também era outra possibilidade...

*Ele ainda estaria lá?*

Helena apertou o volante e afastou com firmeza tal ideia.

Era fatal que a casa, chamada Pandora, que lhe parecera uma mansão naqueles tempos, fosse menor do que ela se lembrava. Os móveis antigos, encomendados da Inglaterra por Angus, seu padrinho, na época em que ele reinava soberano sobre os remanescentes do Exército britânico ainda lotado no Chipre, pareceram-lhe requintados, elegantes, intocáveis. Os sofás de tecido adamacado, de um azul-claro acinzentado, na penumbra da sala de estar – cujas venezianas permaneciam habitualmente cerradas para impedir a entrada do brilho solar que tudo desbotava –, a escrivaninha georgiana no escritório a que Angus se sentava todas as manhãs, abrindo cartas com uma espada em miniatura, e a grande mesa de jantar de mogno, cuja superfície lisa se assemelhava a um rinque de patinação, todos montavam sentinela em sua memória.

Fazia três anos que Pandora estava vazia, desde que Angus fora obrigado a voltar à Inglaterra por problemas de saúde. Entre amargas reclamações de que o atendimento médico no Chipre era tão bom quanto o do Serviço Nacional de Saúde em sua terra natal, senão melhor, até ele tivera que admitir, de má vontade, que a falta de um par de pernas confiáveis e as idas constantes a um hospital situado a 45 minutos de distância não tornavam particularmente conveniente morar num vilarejo montanhoso.

Por fim, ele acabara desistindo da luta para permanecer em sua amada Pandora e, havia seis meses, morrera de pneumonia e tristeza. Um corpo já frágil, que tinha passado a maior parte de seus 78 anos em climas subtropicais, sempre tivera pouca probabilidade de se adaptar à umidade cinzenta e implacável de um subúrbio residencial escocês.

Deixara tudo para Helena, sua afilhada – inclusive Pandora.

Helena chorara ao saber da notícia. Lágrimas com um toque de culpa

por não ter posto em prática os constantes planos de visitar com mais frequência o padrinho na clínica de repouso.

O toque do celular, nas profundezas da bolsa, invadiu seus pensamentos.

– Atenda, por favor, querido – pediu ela a Alex. – Deve ser o papai, para saber se já chegamos.

Alex fez a habitual busca malsucedida na bolsa da mãe, conseguindo pescar o celular momentos depois de ele parar de tocar. Verificou o registro de chamadas.

– Era o papai. Quer que eu ligue de volta?

– Não. A gente liga quando chegar lá.

– Se chegar.

– É claro que vamos chegar. Estou começando a reconhecer o caminho. Agora não faltam nem dez minutos.

– A Taberna Hari já existia quando você veio aqui? – indagou Alex, ao passarem por uma reluzente palmeira de neon na frente de um restaurante espalhafatoso, cheio de caça-níqueis e cadeiras de plástico branco.

– Não, mas esta é uma estrada nova, com uma porção de lojas e bares para pescar turistas. Na minha época, havia pouco mais que uma trilha descendo do vilarejo até a casa.

– Aquele lugar tem TV a cabo. Podemos ir lá, uma noite? – perguntou ele, esperançoso.

– Talvez.

A visão que Helena tinha de noites amenas, passadas no maravilhoso terraço de Pandora, com vista para os olivais, bebendo o vinho de produção local e se banquetecendo com figos colhidos diretamente dos galhos, não incluía TV a cabo nem palmeiras de neon.

– Mãe, exatamente até que ponto é simples essa casa para onde estamos indo? Quer dizer, tem eletricidade?

– É claro que tem, seu bobo. – Helena rezou para que a chave de luz tivesse sido ligada pela vizinha que havia ficado com as chaves. – Olhe, agora estamos entrando no vilarejo. São só mais alguns minutos e estaremos lá.

– Acho que eu poderia voltar para aquele bar de bicicleta – resmungou Alex. – Se eu pudesse arranjar uma bicicleta.

– Eu ia da casa ao vilarejo de bicicleta quase todo dia.

– Era um biciclo?

– Era uma bicicleta normal, com três marchas e uma cestinha. – Helena sorriu ante a lembrança. – Eu costumava ir buscar o pão na padaria.

– Igual à bicicleta da bruxa em *O Mágico de Oz*, quando ela passa pela janela da Dorothy?

– Exatamente. Agora, fique quieto, tenho que me concentrar. Vamos entrar pelo outro lado da rua, por causa da estrada nova, e preciso me localizar.

À sua frente, Helena viu as luzes do vilarejo. Diminuiu a velocidade quando a rua começou a se estreitar e o cascalho duro foi estalando sob os pneus. Começou a reconhecer construções de pedra cipriota, de tom creme, até finalmente formarem uma parede contínua, dos dois lados da rua.

– Olhe, logo ali adiante está a igreja.

Helena apontou para o prédio que tinha sido a alma da pequena comunidade de Kathikas. Na passagem, viu alguns jovens conversando em volta de um banco no pátio externo, com a atenção concentrada nas duas garotas de olhos pretos que se reclinavam nele, ociosas.

– Esse é o centro do vilarejo – disse ela.

– Um verdadeiro point, é óbvio.

– Parece que abriram duas tabernas muito boas aqui nos últimos anos. Olhe, ali está a loja. Eles a ampliaram, pegando a casa vizinha. Vendem absolutamente tudo que você possa querer comprar.

– Vou dar uma passada lá e pegar o último CD dos All-American Rejects, que tal?

– Ora, Alex! – A paciência de Helena se esgotou. – Sei que você não queria vir para cá, mas, pelo amor de Deus, você ainda nem viu Pandora! Ao menos dê uma chance. Se não for por você, que seja por mim!

– Está bem. Desculpe, mãe, desculpe.

– O vilarejo era muito pitoresco e, pelo que estou vendo, não parece ter mudado quase nada – disse Helena, com alívio. – Podemos explorá-lo amanhã.

– Agora estamos saindo do vilarejo, mãe – comentou Alex, nervoso.

– Sim. A esta hora não dá para vê-los, mas dos nossos dois lados há acres e mais acres de vinhedos. Houve época em que os faraós despachavam vinho daqui para o Egito, por ele ser tão bom. É aqui que nós viramos, tenho certeza. Segure firme. A estrada é bem acidentada.

Conforme a trilha áspera de cascalho foi descendo e serpenteando por

entre os vinhedos, Helena reduziu a marcha para a primeira e acendeu os faróis altos, na intenção de contornar os buracos traiçoeiros.

– Você andava de bicicleta aqui todo dia? – indagou Alex, surpreso. – Uau! É incrível que não tenha acabado no meio das vinhas.

– Às vezes eu ia parar lá, mas a gente aprende a conhecer os piores trechos.

Helena se sentiu estranhamente reconfortada pelo fato de os buracos serem tão ruins quanto ela recordava. Andara sentindo pavor de ruas asfaltadas.

– Já chegou, mamãe? – perguntou uma voz sonolenta no banco de trás.

– Sacode muito.

– Sim, estamos chegando, querida. Mais alguns segundos, literalmente.

*Sim, estamos chegando...*

Uma mistura de empolgação e nervosismo a atravessou ao fazer a curva para uma estrada mais estreita e avistar a silhueta escura e sólida de Pandora. Guiou o carro por entre os portões de ferro batido enferrujados, eternamente abertos naqueles anos distantes e, a esta altura, quase certamente incapazes de movimento.

Parou o carro e desligou o motor.

– Chegamos.

Não houve reação de seus dois filhos. Com uma olhadela para trás, viu que Immy tornara a pegar no sono. Alex continuava no banco do carona, olhando diretamente para a frente.

– Vamos deixar a Immy dormir enquanto eu procuro a chave – sugeriu Helena, ao abrir a porta e ser tomada de assalto pelo ar quente da noite.

Desceu do carro, parou e aspirou o cheiro potente de azeitonas, uvas e terra do qual ela se lembrava vagamente – a um mundo de distância das rodovias asfaltadas e das palmeiras de neon. O olfato era *mesmo* o mais poderoso dos sentidos, pensou. Evocava um momento específico, uma atmosfera, com minuciosa precisão.

Absteve-se de perguntar a Alex o que ele achava da casa, porque ainda não havia nada para achar e ela não suportaria uma resposta negativa. Estavam parados no intenso negrume dos fundos de Pandora, com suas janelas de venezianas fechadas e trancada como um quartel.

– Está superescuro, mãe.

– Vou acender de novo o farol alto. Angelina disse que ia deixar a porta dos fundos aberta.

Helena pôs a mão dentro do carro e acendeu os faróis. Atravessou o trecho de cascalho até a porta, com Alex nos seus calcanhares. A maçaneta de latão girou com facilidade e ela abriu a porta, procurando um interruptor. Ao encontrá-lo, prendeu a respiração e o apertou. A área dos fundos ficou subitamente banhada em luz.

– Graças a Deus – murmurou ela, abrindo outra porta e acendendo outro interruptor. – Aqui é a cozinha.

– É, estou vendo. – Alex perambulou pelo lugar amplo e abafado, que continha uma pia, um fogão velhíssimo, uma grande mesa de madeira e um guarda-louça galês que ocupava uma parede inteira. – É bem simples.

– Angus raramente vinha aqui. A empregada cuidava de todo o serviço doméstico. Acho que ele nunca preparou uma refeição em toda a sua vida. Isto aqui era praticamente uma central de trabalho, não o cômodo confortável que são as cozinhas de hoje.

– E onde ele comia?

– Lá fora, no terraço, é claro. É o que todos fazem aqui.

Helena abriu a torneira. Um filete de água correu com relutância, depois se transformou numa torrente.

– Parece que não tem geladeira – comentou Alex.

– Fica na despensa. Angus recebia gente com tanta frequência e era tão demorada a ida a Pafos que ele também mandou instalar um sistema de refrigeração na própria despensa. E não, antes que você pergunte, não existia freezer naquela época. A porta é logo à sua esquerda. Vá ver se a geladeira continua lá, sim? Angelina disse que nos deixaria leite e pão.

– Claro.

Alex se afastou e Helena, acendendo as luzes à medida que avançava, descobriu-se no vestibulo principal, na parte da frente da casa. O piso desgastado de pedra, disposto num padrão de tabuleiro de xadrez, ecoava sob seus passos. Ela ergueu os olhos para a escadaria principal, cujo pesado corrimão curvo fora feito por artesãos habilidosos, com carvalho que, ela se lembrava, Angus mandara vir especialmente da Inglaterra. Atrás dela ficava um relógio carrilhão que parecia um soldado, mas já não funcionava.

*Aqui o tempo parou*, pensou consigo mesma enquanto abria a porta da sala. Os sofás de tecido adamascado estavam cobertos por lençóis, para evitar a poeira. Helena puxou um deles e afundou na maciez aveludada. O tecido, embora ainda imaculado e sem manchas, pareceu-lhe frágil sob os

dedos, como se seu material, embora não sua presença, tivesse sido delicadamente desgastado. Helena se levantou e atravessou o cômodo até uma das duas portas francesas que davam para a área externa da frente da casa. Abriu as persianas de madeira que protegiam o salão do sol, destrancou a dura maçaneta de ferro e saiu para o terraço.

Alex a encontrou ali, segundos depois, debruçada sobre a balaustrada que delimitava a área.

– A geladeira parece sofrer de um ataque horrível de asma – disse ele –, mas lá dentro tem leite, ovos e pão. E disto aqui, decididamente, nós temos o suficiente, pode crer – acrescentou, balançando um enorme salame rosado diante da mãe, que não respondeu.

Ele chegou mais perto.

– Bonita vista – acrescentou.

– É espetacular, não? – Helena sorriu, satisfeita por ele ter gostado.

– Aquelas luzinhas miúdas lá embaixo são o litoral?

– Sim. De manhã você vai conseguir ver o mar, mais adiante. E os olivais e vinhedos que descem abaixo de nós até o vale, com as montanhas dos dois lados. Há uma oliveira deslumbrante no jardim, logo ali. Diz a lenda que ela tem mais de 400 anos.

– Velha... como parece ser tudo aqui. – Alex olhou para baixo, depois para a esquerda e a direita. – Este lugar é muito, hum, isolado, não é? Não estou vendo nenhuma outra casa.

– Achei que as construções poderiam ter subido por aqui, como ao longo da costa, mas não aconteceu. – Helena se virou para o filho. – Me dê um abraço, querido. – Envolveu-o nos braços. – Estou muito contente por estarmos aqui.

– Ótimo. Fico contente por você estar contente. Importa-se de levarmos a Immy para dentro agora? Tenho medo de que ela acorde, se assuste e saia andando por aí. E estou morto de fome.

– Primeiro, vamos lá em cima escolher um quarto para colocá-la. Depois, talvez você possa me dar uma mãozinha, carregando-a para lá.

Helena voltou com Alex pelo terraço, parando sob a pérgula coberta de vinhas, que proporcionava um bem-vindo abrigo do sol do meio-dia. A mesa comprida de ferro batido, com a tinta branca descascando e quase toda coberta de folhas mortas caídas das vinhas, ainda se erguia desamparada embaixo dela.

– Era aqui que fazíamos todas as refeições, na hora do almoço e à noite. E também tínhamos que nos vestir adequadamente. Maiôs ou calções molhados não eram permitidos à mesa do Angus, por mais calor que fizesse – acrescentou ela.

– Você não vai obrigar a gente a fazer isso, vai, mãe?

Helena bagunçou a farta cabeleira loura do filho e o beijou no alto da cabeça.

– Vou me considerar com sorte se conseguir pôr todos vocês à mesa, vistam o que vestirem. Como os tempos mudaram! – exclamou, suspirando, depois lhe estendeu a mão. – Ande, vamos subir e explorar a casa.



Era quase meia-noite quando Helena finalmente se sentou na varandinha do quarto de Angus. Immy dormia a sono solto na imensa cama de mogno. Helena tinha decidido que a mudaria no dia seguinte para um dos dois quartos em que havia um par de camas de solteiro, assim que descobrisse onde era guardada toda a roupa de cama. Alex havia ficado mais adiante no corredor, deitado num colchão sem forro. Tinha fechado todas as venezianas, na tentativa de se proteger dos mosquitos, embora o calor resultante no quarto fosse intenso como o de uma sauna. Nessa noite, não havia o menor sopro de brisa.

Helena apanhou a bolsa e dela tirou o celular e um maço de cigarros amassado. Pôs os dois no colo e os fitou. Primeiro um cigarro, decidiu. Ainda não queria que o encanto fosse quebrado, ainda não. Sabia que William, seu marido, não *pretenderia* dizer nada que a jogasse de volta à realidade, de supetão, mas o provável era que o fizesse. E nem seria culpa dele, porque fazia todo o sentido William lhe dizer se o homem tinha ido ou não consertar o lava-louça, e perguntar onde ela havia escondido os sacos de lixo, porque era preciso levar o lixo lá para fora, para a coleta do dia seguinte. Ele presumiria que Helena ficaria contente em saber que estava tudo sob controle.

E... ela ficaria. Só que não *agora*...

Acendeu o cigarro, deu uma tragada e se perguntou por que havia algo de tão sensual em fumar no calor de uma noite mediterrânea. Ela fumara pela primeiríssima vez a poucos metros de onde se sentava agora. Na oca-

sião, tinha se deleitado, cheia de culpa, com a ilegalidade daquele ato. Passados 24 anos, sentia-se igualmente culpada, desejando que este fosse um hábito que ela conseguisse perder. Naquela época, ela era jovem demais para fumar; agora, com quase 40 anos, estava velha demais. Essa ideia a fez sorrir. Sua juventude, encapsulada entre a última vez que ela estivera nessa casa, fumando seu primeiro cigarro, e esta noite.

Naquela época, eram muitos os sonhos, com a perspectiva da idade adulta se estendendo diante dela. A quem amaria? Onde iria morar? Até onde seu talento a levaria? Será que ia ser feliz...?

E agora, quase todas estas perguntas tinham sido respondidas.

– Por favor, permita que estas férias sejam tão perfeitas quanto possível – murmurou para a casa, a lua e as estrelas.

Nas semanas anteriores, tivera uma estranha sensação de desastre iminente, a qual, por mais que tentasse, simplesmente não tinha conseguido afastar. Talvez fosse o fato de ela estar se aproximando rapidamente de um aniversário que era um marco. Ou talvez fosse apenas por saber que estaria voltando *para cá*...

Já sentia a atmosfera mágica de Pandora a envolvê-la, como se a casa fosse descascando suas camadas protetoras e a desnudando até a alma. Tal como tinha feito da última vez.

Apagando o cigarro parcialmente fumado e lançando-o na noite, pegou o celular e digitou o número de casa, na Inglaterra. William atendeu no segundo toque.

– Oi, querido, sou eu – anunciou ela.

– E então, vocês chegaram bem? – perguntou ele, e Helena sentiu-se instantaneamente reconfortada pelo som da sua voz.

– Chegamos. Como estão as coisas em casa?

– Bem. Sim, bem.

– Como vai o aprendiz de terrorista de 3 anos? – indagou ela com um sorriso.

– Fred finalmente apagou, graças a Deus. Está muito aborrecido por vocês terem ido embora e o deixado com seu velho pai.

– Estou com saudade dele. Mais ou menos. – Helena deu um risinho baixo. – Com o Alex e a Immy aqui, pelo menos terei uma chance de organizar a casa antes de vocês dois chegarem.

– Está habitável?



– Acho que está, sim, mas poderei ver melhor de manhã. A cozinha é muito simples.

– Por falar em cozinha, o homem do lava-louça veio hoje.

– E?

– Ele o consertou, mas bem que podíamos ter comprado um novo, pelo tanto que custou o reparo.

– Puxa vida. – Helena reprimiu um sorriso. – Os sacos de lixo estão na segunda gaveta de baixo, à esquerda da pia.

– Eu ia mesmo perguntar. O lixeiro vem amanhã, você sabe. Você me liga de manhã?

– Ligo, sim. Dê um beijão no Fred e outro para você. Até amanhã, querido.

– Tchau. Durma bem.

Helena passou mais um tempo sentada, contemplando o deslumbrante céu noturno – inundado por uma miríade de estrelas, que ali pareciam brilhar com muito mais luz –, e sentiu que o cansaço começava a substituir a adrenalina. Entrou pé ante pé e se deitou na cama ao lado da filha. E, pela primeira vez em semanas, adormeceu imediatamente.

## CONHEÇA OS LIVROS DE LUCINDA RILEY

A árvore dos anjos

A garota italiana

### SETE IRMÃS

As sete irmãs

A irmã da tempestade

A irmã da sombra

A irmã da pérola

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site. Além de informações sobre os  
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

